

RELATO DE PESQUISA

A gente ainda dá para ganhar o jogo! Uma análise de *dar* modal em construções de alçamento em português brasileiro

Lurian da Silveira CHAVES 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Gabriel de Ávila OTHERO 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Adriana Leitão (UFRJ)

- Sávio André de Souza Cavalcante (UECE)

- Renato Miguel Basso (UFSCar)

SOBRE OS AUTORES

- Primeira Autora

Conceptualização, investigação e escrita.

- Segundo Autor

Conceptualização, investigação e escrita.

DATAS

- Recebido: 14/04/2025

- Aceito: 12/06/2025

- Publicado: 13/08/2025

COMO CITAR

Chaves, Lurian da Silveira; Otero, Gabriel de Ávila. (2025). A gente ainda dá para ganhar o jogo! Uma análise de *dar* modal em construções de alçamento em português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 24, n. 1, p. 1-21, 2025.

RESUMO

Investigamos aqui a estrutura SN *dar* para VINF com o sentido modal. O verbo *dar* pode ser utilizado como modal ou como incoativo/iterativo: *Deu pra gente ouvir bem os discursos* e *O João deu pra sair mais cedo do trabalho*, por exemplo. Interessa-nos aqui investigar uma ocorrência relativamente nova em português brasileiro (ou ao menos, ainda pouco ou não estudada, salvo melhor juízo), a saber: a construção com *dar* modal em que o SN sujeito da oração encaixada passa a ocupar a posição à esquerda de *dar*, como em *A gente deu pra ouvir bem os discursos*. Nossa investigação tenta responder duas perguntas acerca dessas construções: (i) sendo linearmente idênticas, a construção com *dar* modal e a com *dar* aspectual são estruturalmente iguais ou distintas? (ii) Por que acontece o alçamento do sujeito na estrutura inovadora com *dar* modal? Argumentaremos que as respostas para essas perguntas são as seguintes: (i) existem características que nos permitem argumentar que estamos diante de duas estruturas distintas; e (ii) o frontamento do SN nas orações com *dar* modal inovadoras é motivado por princípios de restrição na gramática do PB de iniciar a oração com o verbo, tal como postulam Duarte e Kato (2014, 2021) com o princípio “Evite V1”. O estudo dessa configuração inovadora soma-se a outros trabalhos que atestam as mudanças pelas quais o PB está passando e

que parecem estar relacionadas à mudança na marcação do parâmetro do Sujeito Nulo nessa língua.

ABSTRACT

Here, we investigate the structure NP dar para VINF with modal meaning. The verb dar can be used as a modal or as an inchoative/iterative verb: Deu pra gente ouvir bem os discursos (We could hear the speeches well) and O João deu pra sair mais cedo do trabalho (João started to leave work earlier), for example. We are interested here in investigating a relatively new (or, at least, not yet investigated, as far as we know) structure in Brazilian Portuguese, namely: the construction with modal dar in which the subject NP of the embedded clause moves to occupy the position to the left of dar, as in A gente deu pra ouvir bem os discursos (We could hear the speeches well). Our investigation attempts to answer two questions about these constructions: (i) Being linearly identical, are the structure with modal dar and the one with aspectual dar the same or are they two distinct structures?; (ii) Why the subject raising in the innovative structure with modal dar? We will argue that the answers to these questions are as follows: (i) there are characteristics that allow us to believe that we are facing two distinct structures; and (ii) the fronting of the NP in the innovative modal dar clauses is motivated by principles of restriction in the grammar of BP against starting the clause with the verb, as postulated by Duarte and Kato (2014, 2021) with the “Avoid V1” principle. The study of this innovative configuration adds to other works that attest to the changes that BP is undergoing and that seem to be related to the change in the marking of the Null Subject parameter.

PALAVRAS-CHAVE

Dar modal. Sujeito-tópico. Gramática do PB.

KEYWORDS

Modal dar. Subject-topic. BP grammar.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Neste trabalho, estudamos um uso diferente do verbo dar no português falado no Brasil. Em frases como A gente deu pra ouvir bem os discursos, o verbo dar não tem seu sentido comum (como em Ela deu um presente), mas tem um sentido próximo de possibilidade, parecido com foi possível (algo como Foi possível a gente ouvir bem os discursos). Nosso foco

principal é entender esse tipo de frase, que tem se tornado bem comum. Queremos responder a duas perguntas: (1) esse uso “inovador” do verbo *dar* apresenta diferenças com o uso de *dar* em frases como *O João deu para usar o celular na mesa agora*, em que *dar* significa algo como “começou a”? (2) Por que o sujeito aparece antes do verbo nessas frases novas, se o mais comum seria aparecer depois (compare *A gente deu pra ganhar o jogo* (em que o sujeito está no início da frase) com *Deu pra gente ganhar o jogo*)? Concluimos que essas frases com o “*dar inovador*”, indicando possibilidade, têm uma estrutura diferente das frases em que o *dar* significa “começar a”. Também concluimos que o uso do sujeito na frente da frase está relacionado a uma tendência do português brasileiro de evitar começar frases com o verbo – uma ideia já discutida por outros estudiosos. Nosso estudo ajuda a mostrar como o português brasileiro está mudando com o tempo, especialmente em relação à forma como usamos os sujeitos nas frases.

Introdução

Alguns fenômenos da sintaxe do português brasileiro (PB) que têm sido amplamente discutidos – e que parecem estar correlacionados – são a perda do sujeito nulo e dos clíticos pronominais, a alteração da ordem VS para SV e a tendência do PB em manter algum elemento com conteúdo fonético na posição esquerda da sentença. O foco de nossa investigação neste artigo está relacionado a esse último fenômeno; ou seja, investigamos aqui uma estratégia de alçamento que acarreta no preenchimento da posição esquerda da sentença em frases com o verbo *dar* modal, como vemos no exemplo (1):

(1) *A gente_i ainda dá para ec_i ganhar o jogo!*¹

Em uma primeira aproximação, parece que estamos diante de um movimento que se realiza por necessidade de Caso (cf. Miotto; Figueiredo Silva e Lopes, 2018, por exemplo), tal como o que pode ser visto em verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional, como em (2). Quando está na forma do infinitivo impessoal, o verbo encaixado fica impedido de atribuir/checar Caso ao seu argumento externo.

¹ Todos os exemplos com o verbo *dar* no texto são ocorrências autênticas, foram registrados de oitiva pelos autores a partir de fala esporádica, ou foram coletados em *corpora* (cf. Chaves, 2025); *ec* é a sigla de *empty category* (categoria vazia) – discutiremos a natureza dessa *ec* na próxima seção.

- (2) a. *Parece os meninos dormir.
b. Os meninos_i parecem t_i dormir.

A sequência em (2a) é agramatical, porque o sintagma nominal (SN) não está recebendo/checando Caso nessa posição, apenas recebe papel temático; para salvar a sentença, o SN precisa ser alçado para a primeira posição de Caso disponível, isto é, a posição de especificador da flexão da oração principal (2b).

Contudo, existem configurações estruturais em que um SN pode receber/checar Caso no local onde é gerado, como na posição de sujeito de um verbo flexionado (em sua forma finita ou infinitiva pessoal) e, apesar disso, verificarmos movimento.

- (3) a. Parece que as crianças dormiram.
b. As crianças_i parecem que t_i dormiram.

Em (3a), o SN recebe papel temático do verbo da oração encaixada e tem seu Caso licenciado pela flexão finita; não obstante, o SN sofre o alçamento (3b). Argumentaremos aqui que processo similar acontece com a estrutura inovadora² que investigamos:

- (4) a. Dá pra gente ouvir bem os discursos.
b. Eu estou bem próxima desse carro de som, e a gente_i dá pra ec_i ouvir bem os discursos.

A forma usual utilizada com o verbo *dar* para indicar um sentido de possibilidade aparece em (4a). Por ser uma frase bem formada em PB, sabemos que todos os constituintes estão licenciados, inclusive o SN *a gente*, que recebe, na posição de sujeito da sentença encaixada, papel temático e Caso da flexão infinitiva pessoal (compare com um exemplo com a terceira pessoa do plural, em que a flexão não é manifestada por morfe-Ø: *Deu para eles ouvirem bem os discursos*). Atestamos, no entanto, diversas ocorrências em que o SN, sujeito da oração encaixada, ocupava a posição à esquerda do verbo *dar*, resultando em um movimento aparentemente desnecessário, tal como vemos em (4b).

² Embora afirmemos que exemplos como (1) e (4) sejam inovadores em PB, Pontes (1975), em investigação pioneira sobre o tópico no PB, já havia citado ao menos duas ocorrências dessa estrutura com sentido modal. Também os dicionários Houaiss e o *Dicionário de usos do Português do Brasil* referem exemplos da construção com o *dar modal*, no sentido de *ser suficiente*. No entanto (e isto é importante), as ocorrências registradas por Pontes e pelos dicionários são com *alçamento do objeto* (e.g. *O jaboti dá pra ver ec; de noite*). Nossas ocorrências, por outro lado, acontecem com *alçamento do sujeito*, algo, salvo melhor juízo, ainda pouco registrado e ainda não analisado. As ocorrências de sujeito alçado na construção com *dar modal* estão registradas no Observatório Sintático do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/view/ospb>) a partir do trabalho da primeira autora deste artigo, Chaves (2021). Outro indicativo de que estamos diante de uma estrutura inovadora é o fato de que temos um choque geracional no julgamento de aceitabilidade/gramaticalidade dos dados que apresentamos – os (poucos) falantes com mais de 50 anos a quem apresentamos os exemplos com alçamento do sujeito e com a leitura modal tendem a julgar os dados como inaceitáveis ou agramaticais.

Essa construção de alçamento do sujeito com o verbo *dar* nos fez questionar se existe alguma diferença, em termos de estrutura sintática, entre ela e as construções com o verbo *dar* aspectual, uma vez que, linearmente, as orações apresentam a mesma ordenação superficial, como podemos ver em (5).

- (5) O João_i deu pra t_i sair mais cedo do trabalho³.
(= O João começou a/passou a sair mais cedo do trabalho)

Nessas orações que expressam um sentido de incoação/repetição de um evento, que estamos chamando aqui de orações com *dar* aspectual, o alçamento parece ser obrigatório⁴. Um fato interessante é que a sequência sintática superficial linear de (5) é a mesma de (4b), ou seja: SN *dar para* V_{INF}.

Isso posto, nosso objetivo neste artigo é responder a duas questões específicas:

- (i) *São duas estruturas?* Em outras palavras, a estrutura da oração com o verbo *dar* com sentido modal é diferente da oração com o verbo *dar* com sentido aspectual, apesar da sua semelhança linear?
- (ii) *Por que o alçamento?* Em outras palavras, por que há o alçamento do SN nas orações modais, já que estamos assumindo que existe atribuição/checagem de Caso na oração encaixada?

As hipóteses que perseguiremos neste trabalho e que poderão servir de resposta às perguntas acima são as seguintes:

- (i) Apesar da semelhança na disposição linear das orações, as estruturas sintáticas são organizadas de maneira diferente em cada construção;

³ Tal frase também pode ter a leitura “O João conseguiu/pôde sair mais cedo do trabalho”. Essa seria a leitura do *dar* modal, alvo de investigação deste artigo. Aqui cabe uma observação interessante de Sávio A. S. Cavalcante, um dos pareceristas deste texto: “(...) é bem interessante pensar que uma capacidade/possibilidade/permissão aceita mais de uma vez pode ser gramaticalizada como iteratividade/incoatividade. Há uma certa direção da mudança semântica aí. Nesse curso da mudança, parece que ainda há casos ambíguos, com uma e outra leitura no mesmo dado, ‘ao mesmo tempo’”.

Outra observação que merece atenção vem de Renato Basso, outro parecerista do texto: “Seria interessante também notar e/ou controlar o tempo verbal de ‘dar’ nas construções analisadas. Pode ser que outros tempos verbais para além do pretérito perfeito resultem em interpretações mais modais ou mais tempo-aspectuais”.

A título anedótico, pedimos à ferramenta de IA Gemini (<https://gemini.google.com/>) para nos dizer o que significava a frase (5). Sua resposta foi a seguinte: “A frase ‘O João deu para sair mais cedo do trabalho’ significa que o João conseguiu autorização ou permissão para deixar o trabalho antes do horário normal. A expressão ‘deu para’ indica que algo foi possível, que houve uma oportunidade ou permissão para realizar determinada ação”. Ou seja, sua leitura preferencial é aquela com *dar* modal, justamente a leitura que julgamos inovadora e que buscamos descrever em nosso trabalho.

⁴ Na verdade, se houver algum elemento adverbial à esquerda do verbo, o SN pode ficar *in situ* e a oração mantém o sentido aspectual. Por exemplo: *Ultimamente deu para os meninos saírem mais cedo da aula.* (= Ultimamente os meninos começaram a sair mais cedo da aula). Agradecemos a Sergio Menuzzi (em comunicação pessoal) por nos chamar a atenção para esse tipo de exemplo.

- (ii) o alçamento nas orações com *dar* modal não acontece para atribuição de Caso, mas para respeitar o princípio Evite V1.

A análise dessa construção mostra-se relevante, pois se soma a outras pesquisas que evidenciam que o PB parece encaminhar-se para uma mudança com relação ao parâmetro do sujeito nulo, optando por utilizar sujeitos expressos, ao invés de sujeito nulos e, ao mesmo tempo, cristalizando a ordem SV(O), em detrimento de VS(O). Esses fenômenos parecem interferir também na realização de orações com verbos impessoais, que tradicionalmente priorizavam o expletivo nulo na posição pré-verbal e preservavam a ordem VS. A ocorrência de frases com a estrutura modal inovadora é mais um dado empírico a favor da hipótese de que a gramática do PB privilegia a ordem SV(O) – no caso em tela, a ordem é preservada com a estratégia de alçamento de constituintes do interior da sentença para a esquerda do verbo da oração matriz, como argumentaremos ao longo deste trabalho.

O artigo está organizado como segue: dividimos a próxima seção em duas subseções, cada uma irá responder a uma pergunta. Na seção 2.1 responderemos à primeira pergunta: *São duas estruturas?*. Na seção 2.2, à segunda pergunta: *Por que o alçamento?*. Após a seção 2, encerramos o texto com nossas considerações finais.

1. Análise dos dados

1.1. São duas estruturas?

Começamos vendo como se comporta a atribuição/checagem de Caso do SN sujeito com o verbo *dar* modal, tanto em sua estrutura “tradicional” quanto em sua estrutura inovadora. Além disso, vejamos como acontece a marcação de Caso do SN nas sentenças com *dar* aspectual.

(6) Deu pra eles sentirem a vibração no estádio.

Em (6), temos a estrutura com o verbo *dar* indicando possibilidade. Na oração encaixada, vemos um verbo transitivo que seleciona um argumento e atribui Caso acusativo para ele, *a vibração*. Como está na forma infinitiva pessoal, a flexão associada à forma verbal *sentirem* atribui nominativo para o SN *eles*.

A preposição *pra* também pode licenciar Caso oblíquo ao SN subsequente, como no exemplo (7), visto que é um dos poucos itens que pode marcar Caso excepcionalmente⁵. Em outras palavras, o SN *eles* em (6) poderia receber Caso da preposição.

⁵ Sobre a marcação excepcional de Caso em português, cf. Miotto; Figueiredo Silva; Lopes (2018), por exemplo.

(7) Deu pra *mim* sentir a vibração no estádio.

Frases semelhantes a (7) são comuns no vernáculo, apesar de serem socialmente estigmatizadas.

Além das posições de Caso existentes na oração encaixada, a flexão da oração matriz, isto é, a flexão do verbo *dar* também estaria disponível para licenciar Caso. Contudo, não é o que vemos em (6) e (7). Aqui, temos um *pro* na posição de sujeito da frase, satisfazendo o EPP (*Extended Projection Principle*). Em resumo, em (6) e (7) não há necessidade de o constituinte nominal buscar a posição de SpecFlex da oração principal, porque há pelo menos dois possíveis atribuidores de Caso para o SN *in situ*: a preposição (como em (7)) e o verbo infinitivo flexionado (como em (6)).

As estruturas que nos interessam aqui são, no entanto, aquelas em que há o alçamento do SN para a primeira posição da frase. Repare que essa é a única estratégia possível para o verbo *dar* aspectual (mas ver observação da nota 6):

(8) a. As crianças_i deram pra t_i acordar de noite.

b. ??Deu/*Deram pras crianças acordar(em) de noite.

Na construção aspectual, o verbo da oração encaixada é infinitivo impessoal (e não infinitivo pessoal como nas modais, veja: ??As crianças *deram para acordarem de noite*); portanto, não atribui/checa o Caso do SN, obrigando-o a buscar uma posição de Caso disponível mais acima na estrutura frasal. É o que se atesta com a inaceitabilidade/agramaticalidade de (8b), em que o SN *as crianças*, *in situ*, não recebe/checa Caso (mas, novamente, vale observar o efeito apontado na nota 6, com um item adverbial que satisfaz, de certo modo, EPP; além da presença do verbo infinitivo flexionado nesse caso, como nos apontou Adriana Leitão Martins em seu parecer – ver também nota 8, adiante).

Uma diferença que fica evidente entre as construções com *dar* modal e com *dar* aspectual é, então, o alçamento do argumento do verbo da oração encaixada: nas construções com sentido aspectual, há um movimento *obrigatório* (8a)⁶, mas, nas construções com sentido modal, o movimento é *opcional*, como vemos no exemplo autêntico (9a) e em sua versão manipulada – mas igualmente bem formada – (9b):

(9) a. A gente ia almoçar, né? Praticamente almoçava porque a gente_i dava pra ec_i repetir, né? Pra repetir uma, duas vezes. (Exemplo de Gorski, 2000, p. 26)

b. Dava pra gente repetir, né? Pra repetir uma, duas vezes.

Uma comparação com o verbo *parecer* pode ser elucidativa aqui: nas orações aspectuais, há uma construção de alçamento “canônica”, qual seja: o movimento necessário de um SN em busca de uma posição de Caso. Nas orações modais inovadoras (alvo de nossa investigação aqui), no entanto, quando

⁶ Ou, ao menos, há uma forte preferência ao alçamento do SN nos casos das frases aspectuais.

há movimento de SN, esse sai de uma posição-A em que já recebia Caso, algo semelhante ao hiperalçamento que vemos em (10):

(10) [_{IP} As pessoas_i parecem [_{CP} que [_{TopP} t_i [_{IP} pro_i não sonham]]]]].

Para Martins e Nunes (2005, p. 68),

Segundo Ferreira, o enfraquecimento da morfologia verbal no PB levou o T finito a se tornar um atribuidor de caso opcional. Se a versão de T que atribui caso for selecionada, ela atribuirá nominativo ao DP em Spec, impedindo-o de realizar outros movimentos-A. (...) Se, em vez disso, for selecionada a versão de T que não atribui caso, o DP em Spec terá de se mover novamente para que seu caso seja checado. Ferreira argumenta que é isso o que ocorre na derivação da construção de hiperalçamento⁷.

Nunes (2015, 2016, 2020) aponta que o traço de Pessoa, essencial para a atribuição/cheragem de Caso, não está contido em todas as flexões, sobretudo na terceira pessoa. Por esse motivo, o movimento dos SNs para buscar Caso em outra posição é permitido e necessário, o que explica as recorrentes estruturas de alçamento até mesmo em construções inesperadas, como nas orações com verbos finitos e infinitivos pessoais. Ainda segundo o autor, o hiperalçamento não pode ser visto como um movimento opcional; trata-se de uma operação de último recurso. A proposta é interessante, mas não estamos prontos a subscrevê-la neste momento de nossa investigação do fenômeno. Por ora, consideraremos que, nas orações com *dar modal*, há invariavelmente atribuição de Caso na oração encaixada das sentenças modais, como mostramos.

Outra alternativa para explicar os dados pode ser aquela apresentada por Henriques (2012), em seu trabalho com verbos de alçamento. Para ele, em sequências como (10) há um alçamento de tópico. Henriques (2012) assume que pode existir um SN em posição de tópico na oração encaixada, que pode estar expresso ou nulo. Tal abordagem leva em conta o trabalho de Kato (1999), que defende que “o processo de mudança em curso no PB permite a alternância de uma categoria vazia e um pronome fraco expresso” (Henriques, 2012, p. 107). Nessa perspectiva, nas construções semelhantes a (10), o SN é alçado de uma posição de tópico da oração encaixada e se desloca até a posição de *EspecFlex* da oração principal. Esse SN pode desencadear concordância com o verbo *parecer*, pois em PB é permitida “a concordância entre um tópico e o verbo” (Henriques, 2012, p. 107).

Essa abordagem parece interessante para o *dar modal*: o SN se desloca para uma posição de tópico, enquanto, nas estruturas com *dar aspectual*, o SN se desloca para uma posição de sujeito, em busca de Caso. Assim, o alçamento do SN com *dar modal* é opcional e motivado informacionalmente (ou com o

⁷ Trecho original: “According to Ferreira, the weakening of verbal morphology in BP led finite T to become an optional Case assigner. If the Case-assigner version of T is selected, it will assign nominative to the DP in its Spec, freezing it for further A-movement. (...) If the non-assigning version of T is selected instead, the DP in its Spec will have to undergo further movement in order to have its Case checked. Ferreira argues that this is what goes on in the derivation of the hyper-raising construction” (Martins; Nunes, 2005, p. 68).

intuito de respeitar a restrição Evite V1 em PB, como argumentaremos em 2.2), ao passo que o alçamento do SN com *dar* aspectual parece ser obrigatório: o SN é alçado em busca de Caso, para respeitar o Filtro do Caso.

Essa diferença entre as duas estruturas está relacionada com outra, a saber: com a natureza da categoria vazia do sujeito nulo da oração encaixada. A categoria vazia na oração com *dar* aspectual é um vestígio de movimento (t); na construção inovadora com *dar* modal, por outro lado, possivelmente não temos vestígio, uma vez que a posição *in situ* do SN é uma posição de Caso, como argumentamos aqui (a *ec* é de outra natureza – talvez um *pro*). Vejamos alguns exemplos que podem corroborar essa ideia. Iniciemos com frases com *dar* aspectual:

- (11) a. As meninas_i deram para t_i ouvir vozes.
 b. *As meninas_i deram para elas_i ouvirem vozes.
 c. *As meninas_i, deram/deu para elas_i ouvirem vozes⁸.

Nas frases em (11), com *dar* aspectual, parece que estamos diante de um vestígio de movimento. Como já dissemos, a posição de sujeito da oração encaixada da construção aspectual não é uma posição de Caso, pois a flexão infinitiva impessoal não atribui/checa o Caso do SN da encaixada. Por isso, vemos o movimento do SN para a posição de EspecFlex da oração principal. Esse SN alçado à posição de sujeito do verbo *dar* recebe papel temático do seu predicador (em (11), o verbo *ouvir*). Ou seja: na posição de sujeito da sentença encaixada, o SN recebe papel temático, mas não Caso. Daí só podemos concluir que estamos diante de um vestígio de movimento, uma categoria vazia que não está em posição de Caso, mas recebe papel temático, justamente (cf. Miotto; Figueiredo Silva; Lopes, 2018, p. 233). Repare ainda que a frase em (11c) mostra que, embora o SN se mova para uma posição à esquerda da sentença, o pronome *in situ* na oração encaixada não é licenciado, porque não recebe Caso da flexão infinitiva impessoal.

⁸ Vale reproduzir na íntegra o comentário pertinente de Adriana Leitão Martins, em seu parecer, acerca de (11c): “Tal como na sentença aceita por Sergio Menuzzi com *dar* aspectual em uma sentença iniciada por advérbio (em que esse advérbio pode satisfazer EPP, como argumentam os autores), a sentença com tópico e o verbo *dar* aspectual conjugado na 3ª pessoa do singular (mas não na 3ª pessoa do plural) me parece muito natural mesmo com o SN foneticamente realizando *in situ*: ‘As meninas, deu para elas ouvirem vozes agora’. Curiosamente, no exemplo do Menuzzi e nos exemplos em que eu penso, as sentenças com o *dar* aspectual e o SN *in situ* ficam sempre mais naturais com a presença de um advérbio que marque a continuidade da situação de um período de tempo recente no passado até o momento de referência presente, como ‘Ultimamente/Agora deu para elas ouvirem vozes’ e ‘As meninas, deu para elas ouvirem vozes ultimamente/agora’. Por hipótese, poderíamos assumir que há duas construções com *dar* aspectual convivendo: uma com valor puramente iterativo, que exigiria movimento do SN por o verbo da oração encaixada ser sempre infinitivo impessoal, e outra com valor de iteratividade e retrospectividade (recentidade da situação), que não exigiria movimento obrigatório do SN por o verbo da oração encaixada poder ser infinitivo pessoal. Isso justificaria a aceitabilidade de sentenças como ‘Ultimamente deu para os meninos saírem mais cedo da aula’ e ‘As meninas, deu para elas ouvirem vozes ultimamente’, em que ambas são legítimas por conterem o *dar* aspectual com valores de iteratividade e retrospectividade (algo que teve início num momento anterior *recente* e continua até o momento de referência presente) e, por hipótese, nestas sim haver na oração encaixada um verbo infinitivo pessoal”. Na mesma esteira, comenta Sávio A. S. Cavalcante: “Parece que essa construção aspectual, quando não está com o SN alçado, precisa marcar o momento em que deixa de ser apenas uma possibilidade para ser um hábito (deixando de ser modal para ser aspectual). Por isso, a validação do uso de adjuntos como ‘ultimamente’ e ‘agora’”.

Nas orações com *dar* modal, estamos assumindo que o SN pode receber /checar Caso *in situ* (lembre-se de que o alçamento é opcional). Em (12a), abaixo, o verbo selecionado para a sentença encaixada é um infinitivo pessoal que, portanto, atribui /checa Caso Nominativo. Apesar disso, o alçamento do SN, que certamente provém da oração *Deu para [as meninas] ganharem o jogo*, é permitido (vale lembrar que o SN recebeu seu papel temático do verbo *ganhar* da oração encaixada).

- (12) a. As meninas_i deram para *ec*_i ganhar o jogo.
 b. *As meninas_i deram para elas_i ganhar(em) o jogo.
 c. As meninas_i, deu/*deram para elas_i ganhar(em) o jogo.

Em não sendo um vestígio, poderíamos defender a hipótese de que a *ec* nas frases com alçamento de SN com *dar* modal seja um *pro*. Um teste possível para verificarmos isso é a inserção de um pronome lexical nessa posição, anteriormente vazia – sendo um *pro*, esperaríamos que a frase com pronome (12b) fosse boa; no entanto, a inaceitabilidade de (12b) coloca essa opção em xeque. A sequência (12b) é agramatical independentemente de a flexão infinitiva pessoal estar ou não expressa, o que a torna semelhante ao que ocorre em (11b). No entanto, (12c), com o elemento topicalizado, é bem formada. Também é necessário repensar essa hipótese de *pro*, porque essa *ec* não é fruto de movimento, o que significaria que o SN à esquerda de *dar* ficaria sem papel temático, uma vez que o verbo *dar*, nesse contexto inacusativo, não consegue designar papel temático.

De fato, não podemos supor que a *ec* existente nas sentenças modais inovadoras seja um *pro*, tampouco podemos afirmar, salvo melhor juízo, que é um vestígio – tal qual encontramos nas estruturas das aspectuais.

Percebemos que há, na construção modal, uma categoria vazia. No entanto, não soubemos precisar a sua natureza. Por um lado, pode ser um vestígio de movimento, seguindo, por exemplo, Martins e Nunes (2005). Nesse caso, o SN é alçado para a posição de EspecFlex da oração matriz em busca de Caso – sendo, então, a categoria vazia, vestígio desse movimento. Esse movimento poderia acontecer porque o verbo infinitivo da oração encaixada é defectivo (ver argumentação em Martins; Nunes, 2005); ou seja, o verbo não atribui Caso nominativo ao SN em posição de especificador. No entanto, não assumimos essa hipótese por conta da defectividade *ad hoc* do infinitivo que, a nosso ver, é flexionado; além disso, verificamos ocorrências em que o SN está *in situ*. Alternativamente, essa categoria vazia poderia ser um *pro*, seguindo proposta de Henriques (2012). Cabe a ressalva que nenhum dos trabalhos lida com o verbo *dar* modal (nem aspectual). De qualquer modo, nesse caso, em sendo a categoria vazia um *pro*, poderíamos pensar em uma oração encaixada com o pronome explícito. No entanto, essa proposta parece não se aplicar aos nossos dados, pois, de acordo com nosso julgamento, as sequências com pronome na encaixada não soam como gramaticais, a menos que o SN esteja topicalizado.

De qualquer forma, conseguimos verificar que as duas construções com o verbo *dar* (modal e aspectual) apresentam comportamentos distintos quanto à presença do SN à esquerda da frase principal: na construção modal, a presença do SN é opcional e pode estar relacionada à posição de tópico que o

SN ocupa; na aspectual, estamos diante de um alçamento “clássico” que parece ser obrigatório (mas ver observação na nota 6).

1.2 Por que o alçamento?

Na seção anterior, apresentamos alguns argumentos para defender que a estrutura das orações com sentido modal é diferente da estrutura das orações com sentido aspectual. Tais argumentos, entretanto, não nos impedem de questionar *por que há o alçamento nas orações modais*, dado que “o movimento é legitimado por questões de Caso” (Coelho, 2000, p. 24; ver também Miotto; Figueiredo Silva; Lopes, 2018) e que o movimento é uma operação de último recurso, para respeitar a economia computacional (Chomsky, 2000). Apresentaremos, nesta seção, algumas evidências que ilustram que a construção com *dar* modal segue uma tendência de outras construções do PB, a saber, o princípio Evite V1 (Kato; Duarte, 2014, 2021).

Revisando, vale lembrar que, nas orações aspectuais, salvo melhor juízo o SN é alçado para buscar Caso nominativo. Isso acontece porque a flexão infinitiva impessoal não atribui Caso *in situ*, fazendo com que o SN busque seu licenciamento de Caso em outra posição. Na oração aspectual, somente o *sujeito* da oração subordinada pode se mover. A frase se torna agramatical se o sujeito da oração encaixada se mantém *in situ* enquanto algum outro elemento se move, como vemos (13a). Em (13b), também há alçamento do objeto; no entanto, a frase é bem formada porque há o alçamento do sujeito.

(13) Aspectual:

- a. *A Maria_i deu para o João ver t_i todas as semanas.
- b. A Maria_i o João_j deu para t_j ver t_i todas as semanas.

Mesmo que o objeto da encaixada se mova como em (13b), visivelmente está assumindo uma posição periférica, não podendo estabelecer concordância com o verbo. É nítido que o objeto não é alçado para uma posição de Caso na oração aspectual, primeiro porque esse SN já recebe Caso acusativo; segundo, porque essa é a posição do sujeito movido da oração encaixada, única forma de deixar a frase gramatical – esse objeto deslocado assume uma posição de tópico, realizando um movimento lícito (cf. Nunes, 2016, por exemplo).

Em suma, o movimento do SN sujeito nas orações aspectuais parece ser por necessidade de Caso. Nas orações modais, por outro lado, o movimento de constituintes não é tão restrito. Por exemplo, a posição à esquerda do verbo *dar* nas sentenças modais pode ser ocupada por sujeitos, objetos e adjuntos que estavam na oração encaixada, como mostramos abaixo:

(14) Modais:

- a. A *gente*_i dá pra *ec*_i fazer alguma coisa, mas ainda assim não é garantia de que a gente vai chegar no mesmo lugar. (sujeito)
- b. O *jaboti*_i dá pra ver *ec*_i de noite. (objeto)
- c. Eu perguntei duas vezes se o *carro*_i dava pra viajar *ec*_i. (adjunto)

A possibilidade de diferentes elementos ocuparem a posição inicial da frase foi um dos motivos pelos quais preferimos assumir que a atribuição de Caso Nominativo se mantém na flexão do infinitivo pessoal, apesar da proposta de subespecificação de traços, que impediria a atribuição de Caso pela flexão do infinitivo pessoal, impossibilidade resultante da redução do paradigma pronominal e do enfraquecimento da flexão verbal (Duarte, 1995; Martins; Nunes, 2005, 2008; Nunes, 2015, 2020). Se o movimento fosse em busca de Caso, como explicar que elementos que recebem Caso *in situ* também aparecem fronteados? Certamente, a motivação para o fronteamento desses elementos deve ser de outra natureza.

Segundo nossa proposta, na configuração modal, o infinitivo é sempre flexionado, apresentando marca morfológica exponenciada ou com morfe Ø. O fronteamento desses elementos está relacionado ao fato de que o PB não é mais uma língua de sujeito nulo consistente (cf. Holmberg; Nayduu; Sheehan, 2009; Camacho, 2013; Ayres; Othero, 2021; Martins; Nunes, 2021) e é uma língua que está privilegiando a ordem superficial SV(O) (cf. Kato, 2000; Kato; Tarallo, 2003; Buthers, 2009; Othero; Cardozo, 2017; Kato; Duarte, 2018). Levando essa característica do PB em conta, uma resposta bastante plausível para explicar nossos dados pode estar dialogando com o que temos encontrado na literatura a respeito de fenômenos similares: há um favorecimento de que a oração inicie por SN. O fronteamento do SN nas construções inovadoras com *dar* modal pode ser um recurso para evitar que a oração se inicie pelo verbo, uma tendência já registrada nos trabalhos de Pontes na década de 1980 e continuamente citado nos trabalhos de Kato, Duarte e orientandos da década de 1990 para cá (ver, também, as demais referências citadas neste parágrafo). Vejamos.

Como alguns estudos têm apontado, o PB vem apresentando a tendência de evitar “deixar a posição antes do verbo vazia” (cf. Kato; Duarte, 2014; Kato, 2020). O desaparecimento do sujeito nulo e a fixação da ordem SV(O) no PB atual são propriedades relacionadas a essa mudança. Henriques (2012, p. 119) afirma que

a mudança na marcação do valor do parâmetro do sujeito nulo no PB, já apontada por Duarte (1993, 1995), interfere na representação das estruturas impessoais, particularmente naquelas com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional.

Ou seja, as orações impessoais que ainda eram vistas como contextos de resistência da ordem VS (Coelho, 2000; Kato; Duarte, 2021) e, por consequência, da manutenção do sujeito nulo, começam também a apresentar uma nova configuração. Santos e Soares da Silva (2012), ao estudar inacusativos que selecionam SNs como complemento, pressupõem uma evolução dessa mudança:

As frequências gerais de V-DP não se alteram significativamente ao longo do tempo, mas [...] vê-se a redução das taxas de V-DP com o grupo *morrer/nascer/envelhecer*. [...] [P]ode-se prever que a perda da ordem V-DP, que atinge primeiro verbos como *morrer*, passe depois a se implementar nos contextos com outros verbos inacusativos (Santos; Soares da Silva, 2012, p. 142, grifos dos autores).

Os dados coletados em nossa investigação parecem mostrar que as sentenças com *dar* modal seguem esse mesmo caminho. Para evitar que o verbo inicie a oração (a restrição “Evite V1”, de Kato e Duarte) – e evitar, assim, o expletivo nulo –, a língua utiliza algumas estratégias, tais como pessoalização, o fronteamto de locativos, dativos e genitivos, que ocupam a primeira posição na oração (cf. Berlinck; Duarte; Oliveira, 2017). A estratégia que parece ter sido adotada para as construções com o verbo *dar* com sentido de possibilidade é o alçamento de sujeitos (14a), de objetos (14b) e de adjuntos (14c).

Entre as estratégias para evitar V1, é importante destacar rapidamente o processo de pessoalização que diversas estruturas do PB estão assumindo. Com relação às sentenças impessoais, Kato e Duarte (2014, p. 7) afirmam que “o PB continua a exibir um expletivo nulo, mas em variação com um tipo de construção pessoal”. Vemos essas possibilidades nos exemplos abaixo.

(15)

- a. \emptyset_{expl} rachou a pele das minhas pernas.
- a'. Minhas pernas_i racharam a pele t_i.
- b. \emptyset_{expl} Também não dá pra tu mentir(es).
- b'. Tu_i também não dá ec_i pra mentir.

Algo similar acontece também com os dados coletados com o verbo *dar* com sentido modal. Orações que antes tinham como sujeito um expletivo nulo também podem alternar com um sujeito expesso que saiu do interior da oração encaixada. Segundo Kato e Duarte (2014, p. 17), “o PB respeita o EPP seja movendo um DP para a posição de Spec,TP, ou movendo um elemento fraco para uma posição em adjunção a T, a menos que haja outros adjuntos”. Estratégias como essas são verificadas mesmo em construções impessoais/inacusativas, em que se postulava a existência de um *pro* expletivo para satisfazer o EPP. Essa constatação serve-nos de argumento para responder à pergunta que apresentamos no começo desta seção: *Por que há o alçamento nas orações modais com dar modal?* Como resposta tentativa, podemos sugerir que o alçamento de diferentes constituintes, que recebem Caso *in situ*, ocorre para satisfazer EPP, evitando assim que o verbo inicie o período.

2. Considerações Finais

Neste artigo, investigamos a configuração sintática *SN dar para V_{INF}* com o que chamamos de *dar* modal, uma construção inovadora em PB. Nosso objetivo aqui foi responder a duas questões a respeito dessa estrutura: (i) *Seria essa estrutura a mesma que a construção com dar aspectual?* (ii) *Por que o SN sujeito da oração encaixada aparece como sujeito do verbo dar modal na oração principal?*

A resposta a que chegamos para a primeira questão foi “não, não se trata da mesma estrutura”. Nas construções inovadoras com *dar* modal, verificamos que diferentes elementos podem aparecer fronteados: sujeitos, objetos e adjuntos, ao contrário do que verificamos nas construções com *dar* aspectual, em que apenas sujeitos podem ser alçados. Além disso, nas construções com *dar* modal, o fronteamo dos elementos é livre, ao passo que nas construções com *dar* aspectual o alçamento do sujeito da encaixada parece ser obrigatório (mas ver observações das notas 6 e 10). Por fim, uma observação pessoal: percebemos que a construção com *dar* modal iniciando por SN (e.g. *Vocês deram para perceber onde vamos chegar?*) é considerada agramatical ou estranha por falantes mais velhos (ao menos pelos poucos informantes a quem pedimos um julgamento de aceitabilidade dessas frases), ao passo que a construção com *dar* aspectual não causa estranheza (e.g. *Vocês deram para acordar mais cedo agora?*).

Para a segunda pergunta, esboçamos a seguinte resposta: “Não se trata de um movimento do SN em busca de Caso, mas de uma estratégia de manter um elemento topicalizado na estrutura da frase, de tal maneira que o princípio geral ‘Evite V1’ seja respeitado”. Se for assim, aproximamos a construção inovadora de *dar* modal com outras construções do PB, tais como aquelas em que há a presença de tópicos-sujeitos, dialogando com trabalhos recentes sobre a estrutura frasal do PB contemporâneo.

Por fim, devemos registrar que este é um trabalho em andamento e que futuras análises dessa construção estão em curso.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i1.2302.R>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Adriana Leitão Martins

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0510-2586>

Avaliador 2: Sávio André de Souza Cavalcante

Afiliação: Universidade Estadual do Ceará

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5152-6924>

Avaliador 3: Renato Miguel Basso

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

AVALIADOR 1

O artigo “A gente ainda dá para ganhar o jogo! Uma análise de dar modal em construções de alçamento em português brasileiro” apresenta uma contribuição relevante e inédita ao descrever e explicar, com base em pressupostos teóricos gerativistas, uma construção verbal verificada no português brasileiro (doravante PB) contemporâneo, a construção SN dar para VINF com o verbo dar assumindo sentido modal. Os objetivos dos autores são tanto demonstrar a estrutura subjacente a essa construção quanto explicar o que motiva a realização de SN à esquerda do verbo dar. Para tanto, os autores comparam sentenças constituídas por SN dar para VINF com dar modal (como em “a gente ainda deu para virar o jogo”) e com dar aspectual (como em “a gente deu para virar o jogo sempre no final da partida”). Ao fazê-lo, os autores buscam demonstrar que, apesar de as duas construções serem idênticas linearmente, suas estruturas são distintas, uma vez que, de acordo com os julgamentos de gramaticalidade empreendidos, o movimento do SN para a posição à esquerda de dar é opcional em sentenças com dar modal e obrigatório naquelas com dar aspectual. Ainda, o movimento do SN para a posição à esquerda de dar modal é motivado pelo princípio “Evite V1” (Kato; Duarte, 2014, 2021) atuante no PB. O artigo destaca-se pelo encadeamento lógico das ideias desenvolvidas, pela argumentação consistente e alinhada com a literatura na qual se ancora e pela organização interna do texto, cuja divisão em seções contribui grandemente para que os dois objetivos delineados para o estudo sejam atingidos.

Os apontamentos que faço abaixo visam a contribuir para o ajuste da versão final do artigo a ser publicado e/ou para o debate empreendido pelos autores, se eles julgarem pertinentes:

Em alguns momentos do texto, os autores remetem o leitor à nota de rodapé número 5 (como em “mas ver observação da nota 5”). No entanto, parece que os autores gostariam de fazer menção à nota de rodapé de número 6.

Há ao menos dois textos cujas referências não aparecem listadas ao final do artigo: Chomsky (2000) e Santos e Soares da Silva (2012). Nesse sentido, sugiro que uma revisão seja feita para que as obras mencionadas sejam incluídas na seção de referências.

Apesar de os autores apresentarem a que se referem as siglas “PB” e “SN” em suas primeiras ocorrências no texto, os autores não o fazem com a sigla “EPP”. Logo, sugiro que, na primeira inclusão desta sigla no artigo, o rótulo completo oferecido a esse princípio seja apresentado.

No parágrafo após os exemplos em (8), os autores atestam que “Na construção aspectual, o verbo da oração encaixada é infinitivo impessoal”, ainda que, ao final do parágrafo, remetam o leitor novamente à nota 5 (aparentemente, à nota 6), como se vê em “mas vale observar o efeito apontado na nota 5, com um item adverbial que satisfaz, de certo modo, EPP”. Minha sugestão é que a assertiva inicial deste parágrafo seja modalizada. Ainda que “ultimamente” (ou outro advérbio na margem à esquerda) satisfaça EPP, a atribuição de Caso a “os meninos” in situ no exemplo apresentado por Sergio Menuzzi (“Ultimamente deu para os meninos saírem mais cedo da aula”) me parece só ser possível porque temos um infinitivo pessoal na oração encaixada. Logo, a assertiva no primeiro período do parágrafo em questão não parece valer de maneira geral para todas as construções com dar

Sobre o exemplo em (11c), *As meninasi, deram/deu para elas ouvirem vozes”, marcada pelos autores como agramatical, também faço uma observação. Tal como na sentença aceita por Sergio Menuzzi com dar aspectual em uma sentença iniciada por advérbio (em que esse advérbio pode satisfazer EPP, como argumentam os autores), a sentença com tópico e o verbo dar aspectual conjugado na 3ª pessoa do singular (mas não na 3ª pessoa do plural) me parece muito natural mesmo com o SN foneticamente realizando in situ: “As meninasi, deu para elas ouvirem vozes agora”. Curiosamente, no exemplo do Menuzzi e nos exemplos em que eu penso, as sentenças com o dar aspectual e o SN in situ ficam sempre mais naturais com a presença de um advérbio que marque a continuidade da situação de um período de tempo recente no passado até o momento de referência presente, como “Ultimamente/Agora deu para elas ouvirem vozes” e “As meninas, deu para elas ouvirem vozes ultimamente/agora”. Por hipótese, poderíamos assumir que há duas construções com dar aspectual convivendo: uma com valor puramente iterativo, que exigiria movimento do SN por o verbo da oração encaixada ser sempre infinitivo impessoal, e outra com valor de iteratividade e retrospectividade (recentidade da situação), que não exigiria movimento obrigatório do SN por o verbo da oração encaixada poder ser infinitivo pessoal. Isso justificaria a aceitabilidade de sentenças como “Ultimamente deu para os meninos saírem mais cedo da aula” e “As meninas, deu para elas ouvirem vozes ultimamente”, em que ambas são legítimas por conterem o dar aspectual com valores de iteratividade e retrospectividade (algo que teve início num momento anterior recente e continua até o momento de referência presente) e, por hipótese, nestas sim haver na oração encaixada um verbo infinitivo pessoal.

Nas considerações finais, os autores apresentam resumidamente, em dois parágrafos distintos, as respostas oferecidas no artigo às duas perguntas de pesquisa alinhadas aos objetivos do texto (“(i) Seria essa estrutura a mesma que a construção com dar aspectual?; (ii) Por que o SN sujeito da oração encaixada aparece como sujeito do verbo dar modal na oração principal?”). No parágrafo destinado a resumir a resposta oferecida à primeira pergunta de pesquisa, que seria “não, não se trata da mesma estrutura”, os autores retomam os principais argumentos apresentados no texto para que tal resposta tenha sido oferecida. Contudo, no quarto período desse parágrafo, os autores afirmam que “Finalmente, percebemos que a construção com dar modal iniciando por SN (e.g. Vocês deram para perceber onde vamos chegar?) é considerada agramatical ou estranha por falantes mais velhos, ao passo que a construção com dar aspectual não causa estranheza (e.g. Vocês deram para acordar mais cedo agora?)”. Pondero aqui que o que está posto neste período foi apenas timidamente comentado ao final da nota de rodapé número 4, diferentemente da robustez da argumentação apresentada para os dois outros fatos mencionados nos dois períodos anteriores desse parágrafo. Nesse sentido, sugiro que, ao menos neste ponto do texto, os autores remetam o leitor àquela nota de rodapé e/ou que seja apresentada a referência em que esse tipo de julgamento foi aferido dentre falantes mais velhos do PB.

Finalmente, reitero o caráter inovador do artigo, a precisão teórica dos conceitos empregados, a adequação das análises empreendidas e a contribuição do estudo para a descrição do PB por meio da apresentação de mais um fenômeno desta língua que reforça o seu estatuto atual como sendo do tipo SV(O). Sendo assim, recomendo fortemente a publicação do artigo.

Profa. Dra. Adriana Leitão Martins

AVALIADOR 2

O artigo "A GENTE AINDA DÁ PARA GANHAR O JOGO! UMA ANÁLISE DE DAR MODAL EM CONSTRUÇÕES DE ALÇAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO" investiga leituras modais e aspectuais em construções de alçamento com o verbo "dar". Segundo os autores, embora similarmente aparentadas, trata-se de estruturas diferentes, sendo o alçamento da estrutura modal explicado, principalmente, pelo princípio "Evite V1". O título nos parece ser preciso, embora o "dar aspectual" também tenha alguma presença e relevância no texto.

O resumo apresenta as estruturas em análise, o interesse da pesquisa, as perguntas de partida, os resultados e uma breve consideração geral. Embora contenha os itens exigidos para essa parte do artigo, precisa antecipar os autores e a perspectiva teórica com que se trabalhará. Além disso, precisa explicitar a metodologia.

A Introdução ilustra o fenômeno, a problematização, a proposta dos autores, as questões de pesquisa, as hipóteses e a organização geral do texto. Cumpre, portanto, o exigido para essa seção. No entanto, faço as seguintes reflexões, sem prejuízo das que estão no arquivo anexo: (i) Como sinaliza a nota 3, os exemplos registrados de oitiva não deveriam ter sido coletados mediante aprovação

de comitê de ética? (ii) Sobre os exemplos, se todos são de ocorrências autênticas, seria importante colocar a fonte ao lado deles; (iii) Chaves (2025) não está nas referências; (iv) Falta citar algum trabalho prévio sobre a necessidade de Caso; (v) Ainda acho que a classificação de “inovadora” para a construção modal não está bem justificada, nem na Introdução nem no resumo; (vi) Sobre o choque geracional, foi feita alguma pesquisa sistemática sobre isso? (vii) Como o termo “construção” tem adquirido um significado mais específico em virtude dos estudos da Gramática de Construções, é melhor dizer o que vocês estão chamando de construção; (viii) Como seus exemplos são autênticos, talvez um contexto mais amplo e mais material textual tirasse a dúvida de leitura modal ou aspectual em casos ambíguos; (ix) é necessário citar autor(es) para respaldar as hipóteses.

Sobre a metodologia, não há uma seção inteiramente destinada a isso. Em relação aos dados analisados, os autores afirmam que são dados reais, registrados por oitiva ou coletados em corpus. No entanto, não explicam se houve sistematicidade na coleta.

Acerca dos resultados, que dizem respeito à argumentação em torno das perguntas de partida, há um posicionamento analítico fundamentado na teoria. Uma dúvida que fica para o leitor é se o elemento alçado é sujeito ou tópico. Creio que isso poderia ter um melhor esclarecimento.

Sobre as considerações finais, seria interessante pontuar ou sistematizar as lacunas que o texto deixou em aberto para estudos posteriores.

Por esses motivos, dou parecer favorável à publicação do texto, com essas recomendações de ajustes.

AVALIADOR 3

O artigo "A GENTE AINDA DÁ PARA GANHAR O JOGO! UMA ANÁLISE DE DAR MODAL EM CONSTRUÇÕES DE ALÇAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO" apresenta uma análise de construções, consideradas inovadoras pelos autores, da forma "SN dar para VINF" com o sentido modal, como exemplificado por "A gente deu pra ouvir bem os discursos". O intuito é responder (i) se tal estrutura, mesmo sendo linearmente idêntica, a construção com dar aspectual é de fato a mesma ou distinta e (ii) as causas do alçamento do sujeito em estruturas com dar modal. Em resumo, a resposta dos autores é que é possível diferenciar essas estruturas por meio de princípios sintáticos e argumentar que são distintas e o fronteamento do SN nesses casos se dá por restrições na gramática do PB de iniciar orações com o verbo.

A solução é, a meu ver, bastante sólida e consistente, com bons exemplos e rigorosa argumentação sintática. O texto, além disso, é exemplarmente bem escrito e bem organizado, e trata-se, sem dúvidas, de uma importante contribuição para a área, não apenas porque identifica e analisa detalhadamente uma construção ainda pouco investigada, mas também porque é um excelente exemplo de argumentação científica em Linguística.

Como sugestão, talvez seja o caso de pensar, em paralelo, na construção 'dar de', que, conforme tento demonstrar nos meus comentários no texto, talvez tenha apenas a interpretação aspectual e portanto poderia ser usada como um teste para distinguir interpretações em construções

linearmente idênticas. Além disso, pode ser o caso que diferentes tempos verbais de verbo 'dar' deem mais proeminência a uma das possibilidades interpretativas que, por consequência, pode dar vez a uma organização sintática específica.

Conflito de Interesse (obrigatório)

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados (obrigatório)

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Agradecimentos (opcional)

Agradecemos aos colegas Leonor Simioni, Marcus Lunguinho e Sergio de Moura Menuzzi pela leitura de uma versão preliminar deste texto. Agradecemos também aos pareceristas do texto, Adriana Leitão Martins, Renato Basso e Sávio André de Souza Cavalcante, por nos terem apontado inconsistências no texto. Todos os erros remanescentes são, no entanto, de nossa inteira responsabilidade.

Fontes de financiamento

A primeira autora deste texto contou com uma bolsa de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

REFERÊNCIAS

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Contexts for null subjects in contemporary Brazilian Portuguese. **Revista Linguística**, v. 17, p. 100-124, 2021.

BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Org.). **A construção da sentença**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.

BUTHERS, C. M. Emergência da ordem [XP V (DP)] no Português Brasileiro Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista. 2009. 163 f. **Dissertação (Mestrado em Linguística)** – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAMACHO, J. A. **Null subjects**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

CHAVES, L. S. A gente deu pra analisar essa estrutura inovadora: o preenchimento da posição pré-verbal em construções com dar modal. **Trabalho de Conclusão de Curso** – Universidade Federal do Pampa, 2021.

CHAVES, L. S. Uma análise das estruturas inovadoras de dar modal com alçamento de SNs em português brasileiro. 2025. **Dissertação de Mestrado** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: The framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Orgs.), **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89–155, 2000.

COELHO, I. L. A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica. 2000. **Tese (Doutorado em Linguística)** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GORSKI, E. M. Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 19-33, set. 2000.

HENRIQUES, F. P. Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). **O sujeito em peças de teatro**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 121-142.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.

KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no PB. **Forum Linguístico**, v. 2, n. 1, p. 97-127, 2000.

KATO, M. A. Determinantes prosódicos em mudança sintática. **Abralin ao Vivo**, 2020. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/abralin-ao-vivo>. Acesso em: 11 de abril de 2025.

KATO, M. A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. **Probus**, Dordrecht, Berlin, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Determinantes prosódicos em mudança sintática. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, 2021.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Pre-verbal position in BP: a reinterpretation of “avoid pronoun principle”. **Diadorim**, v. 20, p. 610-626, 2018.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 2014.

KATO, M. A.; TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: SCHLIEBE-LANGE, B.; KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (Ed.). **Dialogue between Schools: sociolinguistics, conversational analysis and generative theory in Brazil**. Münster: Nodus Publicationen, Klaus D. Ditz, 2003.

MARTINS, A. M.; NUNES, J. Brazilian and European Portuguese and Holmberg’s 2005 typology of Null Subject Languages. In: BAAUW, S.; DRIJKONINGEN, F.; MERONI, L. (Ed.). **Romance Languages and Linguistic Theory 2018: Selected papers from 'Going Romance' 32, Utrecht**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2021. p. 171-190.

MARTINS, A. M.; NUNES, J. Raising issues in Brazilian and European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 53-77, 2005.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

NUNES, J. Especificação morfológica de pronomes nominativos, concordância verbal e sujeitos nulos em Português Brasileiro. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, número especial, p. 4658-4672, jun. 2020.

NUNES, J. Subject and topic hyper-raising in Brazilian Portuguese: A case study on reference sets for economy computations. In: KATO, M.; ORDOÑEZ, F. (Ed.). **The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 107-134.

NUNES, J. Subespecificação de traços- ϕ e hiperalçamento no português brasileiro. In: FIGUEIREDO, C.; ARAÚJO, E. (Org.). **Diálogos com Ribeiro: sobre gramática e história da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 121-148.

OTHERO, G. A.; CARDOZO, R. W. A ordem pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (or There and Back Again, a Word Order's Holiday). **Fórum Linguístico**, v. 14, n. 1, p. 1717-1734, 2017.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

SANTOS, D.; SOARES DA SILVA, H. A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. In: DUARTE, M. E. L. (org.) **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, p. 121-42, 2012.